



Instituto  
Socioambiental

*Wabe de Oliveira  
2021*

NURIT  
BENSUSAN

*(presente Div)*

# Cartas ao Morcego

Ilustrações  
Raísa Curty

1ª EDIÇÃO • BRASÍLIA • 2021

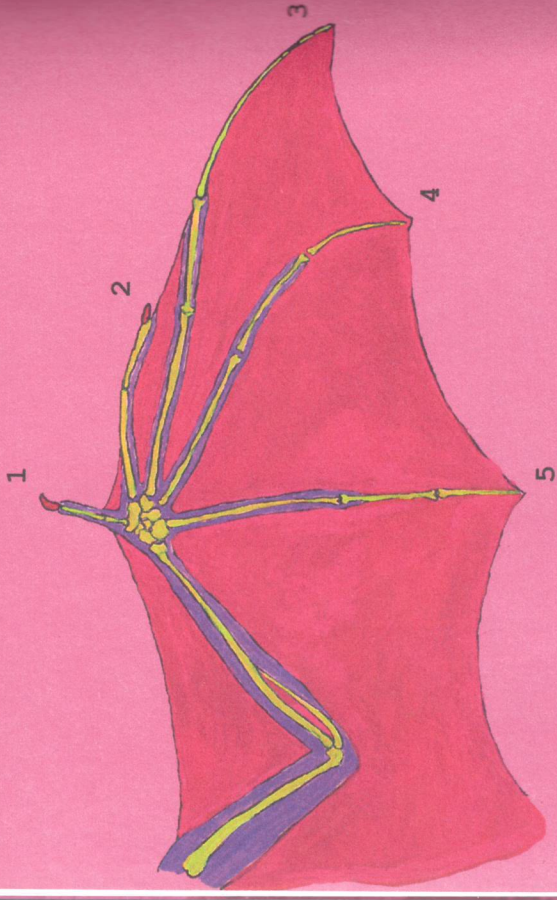






# 2

*Canta*





Caro Morcego,

Os dias se arrastam na pandemia... Todos parecem iguais, o tempo, que voa como você, parece não passar. Resolvi, então, não esperar sua resposta para escrever uma segunda carta. Muitos assuntos ficaram de fora daquela primeira e a demora da sua resposta me fez pensar que alguns mal entendidos podem ter surgido.

Depois daquela primeira missiva, meu improvável Morcego, comecei a pensar nas diversas interfaces que existem entre você e nós. Claro que, antes de tudo, cabem as perguntas quem somos nós e quem são vocês. Na verdade, elas mal cabem, ficam assim espremidas. São perguntas indesejáveis, no que tange a nós, mas também a vocês. Falamos um pouco sobre esse assunto na carta passada. Há um desconforto crescente para muitos organismos pertencentes à minha espécie em se reconhecerem sob a égide do termo "humano". Isso porque o que poderia ser apenas uma designação geral de uma espécie biológica adquiriu uma enorme carga. De repente, ser humano passou a significar uma identificação com um conjunto de ideias e práticas que muitos não querem corroborar. Assim, o "nós", que já era sobremaneira complicado, heterogêneo e plural, tornou-se ainda mais dispar.

Talvez tudo isso tenha começado em algum lugar do passado, quando, no seletor clube dos humanos, só cabiam homens brancos heterossexuais. Com o tempo, suas fronteiras foram se estendendo para contemplar mulheres, povos indígenas, orientais, negros, de forma a fazer coincidir a humanidade com a nossa espécie: quem é *Homo sapiens*, é humano. No entanto, cada vez fica mais claro que esse "selo" de humano, cedido por esse tão especial clube, é um favor, concedido a contragosto. Por outro lado, os não-tão-bem vindos a esse clube não querem mais se identificar com ele, inclusive por reconhecer que são esses os humanos responsáveis pela destruição de mundos e, em parte, pela situação em que nos encontramos hoje.

No que concerne a você, a questão do que são misturados com as interfaces que nos ligam. Para muitos, vocês são apenas comida. Para outros, são o elo perdido entre humanos, outros animais e espíritos. Há aqueles, ainda, que acham que você simbolizam o mistério. Para uns, principalmente em tempos de pandemia, vocês são a morte. Para outros, especialmente as plantas e os que repartem seu cotidiano com elas, vocês são a vida. Nossas relações, meu caro Morcego, nunca envolvem apenas você e nós, mas inúmeros outros seres que interagem conosco continuamente, e, assim, talvez as interfaces entre nós sejam nossa mistura com o mundo.

Muitos povos humanos comem morcegos. Alguns o fazem por falta de opções, outros como parte da dieta cotidiana e outros, enfim, por puro deleite. Eu sei que nada disso te incomoda, afinal a predação é parte da vida. Imagino que, se vocês nos veem como inimigos, não é por causa disso. Algum ressentimento, porém, caro Morcego, estimo que deve haver, afinal algumas de suas espécies, principalmente dos gêneros conhecidos como raposas-voadoras, foram extintas em alguns locais, como regiões da Indonésia e da China. Sei que, no sudeste asiático, os morcegos fazem parte da culinária, podendo ser encontrados tanto nos mercados quanto nos restaurantes. Na África, o costume de comer morcegos também é disseminado pelo continente. Na América do Sul, sempre houve caçadores, não tão comuns, sendo exceção o consumo de sangue de morcegos na Bolívia, bastante frequente, como parte da medicina tradicional, em um processo que se acredita curar a epilepsia. O sangue deve ser consumido ainda quente e a cura é imensa. Não sei se a vida dos morcegos é especialmente complicada na Bolívia e se a busca por sangue de morcego equivale à caça para alimentação em outros lugares; sei, porém, que dizem que o potencial curativo se dá justamente porque vocês são criaturas únicas, intermediárias entre possibilidades, são mamíferos, não são pássaros, mas voam.

Aqui, outra vez essa ideia de algo intermediário, um elo perdido entre categorias: entre aves e mamíferos, entre seres reais e monstros, entre hospedeiros e vetores. Não há

nenhuma dúvida de que voar, quando todos os seus colegas de classe não conseguem sair do chão, suscita, além de inveja, enorme perplexidade. Os mistérios que envolvem essa habilidade única são muitos. Os morcegos aparecem no registro fóssil de cerca de 50 milhões de anos, em muitas partes do planeta, da Europa à Austrália, da Índia ao continente americano. Contudo, nessa época, vocês já eram muito parecidos com o que são hoje e, claro, já voavam. Então, emerge a pergunta de onde vocês surgiram.

Suas asas são únicas... Não são como as asas das aves, formadas de penas, partes não-vivas desses animais. As de vocês, meu excêntrico correspondente, são uma espécie de membrana que se estende a partir do corpo, engloba seus cinco dedos e as formam. Porque como nós, vocês têm cinco dedos em cada mão - ou, eu deveria dizer, em cada asa?

É curioso que o fato de existirmos não implica que saibamos algo sobre nossas origens. Assim, não sei se você poderia me ajudar, explicando melhor de onde vieram os morcegos... Já enfrentamos alguns mistérios sobre as origens de algumas espécies, como as baleias, por exemplo. Como elas são mamíferos que vivem no mar, custou para que percebêssemos que elas descendem de mamíferos terrestres. No caso dos morcegos, eu me pergunto se vocês descendem de mamíferos sem asas ou todos nós descendemos de mamíferos alados e somos, todos, anjos decaídos que perdemos nossa capacidade de voar.



Muitos povos humanos comem morcegos. Alguns o fazem por falta de opções, outros como parte da dieta cotidiana e outros, enfim, por puro deleite. Eu sei que nada disso te incomoda, afinal a predação é parte da vida. Imagino que, se vocês nos veem como inimigos, não é por causa disso. Algum ressentimento, porém, caro Morcego, estimo que deve haver, afinal algumas de suas espécies, principalmente dos gêneros conhecidos como raposas-voadoras, foram extintas em alguns locais, como regiões da Indonésia e da China. Sei que, no sudeste asiático, os morcegos fazem parte da culinária, podendo ser encontrados tanto nos mercados quanto nos restaurantes. Na África, o costume de comer morcegos também é disseminado pelo continente. Na América do Sul, sempre houve casos, não tão comuns, sendo exceção o consumo de sangue de morcegos na Bolívia, bastante frequente, como parte da medicina tradicional, em um processo que se acredita curar a epilepsia. O sangue deve ser consumido ainda quente e a cura é imensa. Não sei se a vida dos morcegos é especialmente complicada na Bolívia e se a busca por sangue de morcego equivale à caça para alimentação em outros lugares; sei, porém, que dizem que o potencial curativo se dá justamente porque vocês são criaturas únicas, intermediárias entre possibilidades, são mamíferos, não são pássaros, mas voam.

Aqui, outra vez essa ideia de algo intermediário, um elo perdido entre categorias: entre aves e mamíferos, entre seres reais e monstros, entre hospedeiros e vetores. Não há

nenhuma dúvida de que voar, quando todos os seus colegas de classe não conseguem sair do chão, suscita, além de inveja, enorme perplexidade. Os mistérios que envolvem essa habilidade única são muitos. Os morcegos aparecem no registro fóssil de cerca de 50 milhões de anos, em muitas partes do planeta, da Europa à Austrália, da Índia ao continente americano. Contudo, nessa época, vocês já eram muito parecidos com o que são hoje e, claro, já voavam. Então, emerge a pergunta de onde vocês surgiram.

Suas asas são únicas... Não são como as asas das aves, formadas de penas, partes não-vivas desses animais. As de vocês, meu excêntrico correspondente, são uma espécie de membrana que se estende a partir do corpo, engloba seus cinco dedos e as formam. Porque como nós, vocês têm cinco dedos em cada mão - ou, eu deveria dizer, em cada asa?

É curioso que o fato de existirmos não implica que saibamos algo sobre nossas origens. Assim, não sei se você poderia me ajudar, explicando melhor de onde vieram os morcegos... Já enfrentamos alguns mistérios sobre as origens de algumas espécies, como as baleias, por exemplo. Como elas são mamíferos que vivem no mar, custou para que percebêssemos que elas descendem de mamíferos terrestres. No caso dos morcegos, eu me pergunto se vocês descendem de mamíferos sem asas ou todos nós descendemos de mamíferos alados e somos, todos, anjos decaídos que perdemos nossa capacidade de voar.



Outros seres cuja origem parecia misteriosa são as aves, mas acabou que novas descobertas de fósseis apontaram para o fato de que elas descendem dos dinossauros, ou, como gostam de dizer os paleontólogos, os dinossauros seguem aqui conosco, eles são as aves. Será que nós somos vocês do passado ou vocês são uma possibilidade futura para os mamíferos que não voam?

Porém, essa proximidade, sermos ambos mamíferos, pode ser um completo artifício. É uma classificação que parte de nós, humanos, inventamos: a classificação do clube seleteo a que me referi acima. Outros, aqueles das bordas do mundo, o lugar imaginário mais concreto do que qualquer lugar real, sobre o qual te contei em minha carta anterior, classificam os seres do mundo de outras formas. Assim, vocês, caros morcegos, poderiam estar bem mais próximos de nós ou infinitamente mais distantes.

Interessante que, apesar de vocês voarem, sua reputação junto a nós, o que quer que seja esse "nós", não é lá muito boa. Parte disso se deve à fama de vampiros que os morcegos carregam. Curiosamente, porém, de todas as espécies de morcegos, apenas três se alimentam de sangue e são todas nativas das Américas. Ou seja, não há morcegos que se alimentam de sangue no Velho Mundo, onde já existiam diversas lendas sobre criaturas que tinham no sangue o principal elemento de sua dieta. Dizem até que os morcegos hematófagos, quando foram descobertos nas

Américas, foram nomeados morcegos-vampiros, justo por causa dessas lendas. Mas, certamente, houve um efeito bumerangue e os morcegos passaram a habitar as histórias de vampiros na Europa. Vislumbro, excesso de imaginação talvez, um esgar de sua parte, que confundo voluntariamente com um sorriso, que me mostra que essa ideia te diverte.

Outro motivo, talvez, para essa reputação não muito positiva, é que os hábitos noturnos que vocês cultivam, associados a sua aparência e, claro, ao fato de vocês voarem, ajudam a fomentar uma aura de criaturas sobrenaturais. Imagine, caro Morcego, isso porque a maioria das pessoas nem sabe da mais incrível característica que vocês possuem: levar dentro de si milhões de micro-organismos que podem ser fatais para outras espécies de animais, mas que não causam nenhum mal a vocês. O fato de vocês serem seres gregários, vivendo em colônias por vezes de milhares de indivíduos, inclusive de diferentes espécies, em cavernas escuras, colabora para sua fama de seres das trevas e também ajuda na manutenção desse enorme conjunto de vírus, que encontram uma profusão de morcegos onde se reproduzir.

Mas chego a este ponto da carta para entender que, por mais informações que eu colete sobre vocês, algo sempre me escapa. Talvez uma essência do ser morcego, inatingível para mim. Nem tanto por voar, nem tanto por ver o mundo de forma diversa da minha, mas fantasma o que é



abrigar em suas entranhas o micro-organismo mais temido, hoje, pela humanidade e passar completamente incólume ou até mesmo ser absolutamente indiferente. O superpoder de ser imune a algo que pode destruir o outro... Talvez seja exatamente essa indiferença que doa tanto naqueles do seletor clube dos humanos. Voar, ora, voar é ótimo, todavia temos aviões, ultraleves, asas delta e outros artificios que nos aproximam de vocês nesse quesito. Viver na noite, enxergar nas trevas, tudo isso já foi apossado pelos humanos com suas luzes. Mas viver por ai, de cabeça para baixo, voando ou rastejando, totalmente indiferente ao coronavírus? Não como as plantas ou as abelhas que não oferecem entranhas convidativas para o vírus, mas sim como alguém que carrega milhões deles sem que isso ofereça nenhum risco, nem para si, nem para seus semelhantes...

Escrevi na carta passada que sei que vocês têm uma biologia particular, mas o que é isso? Particular? Talvez particulares sejamos nós, prontos para ignorar os riscos que se precipitam sobre nós enquanto espécie. Particular, talvez, seja insistir, mesmo diante dessa pandemia, em tratar o mundo que nos cerca, que chamamos de natureza, como apenas um cenário com o qual contracenamos. Particular deve ser o que se recusa a ser parte. Particular é o que não entende seus vínculos, suas interfaces, suas fragilidades e sua dependência. Particular parece ser aquele que reduz a possibilidade de interações sociais à sua própria espécie,

que acredita que só ela atua e age e que os outros seres são, no máximo, uma parte animada do cenário.

E, aqui, meu improvável correspondente, esbarramos na questão da comunicação. Alguns dos meus particulares congêneres poderiam apontar uma justificativa para tal situação: a incompreensão. Como compreender os outros seres, se eles não falam, não se comunicam? Como entender as relações sociais que se estabeleceriam entre os humanos e outros seres do planeta com nossas limitadas ferramentas? Outros, por sua vez, questionariam se essas são, de fato, limitações, e isso nos conduziria, mais uma vez, ao tal seletor clube que admitiria entre seus membros "humanos" apenas aqueles que seus fundadores viam como seus iguais, ou seja, homens brancos heteronormativos. Para muitos desses fundadores, a impossibilidade de compreender os modos de vida dos outros serviu para alijar muitos membros da espécie humana do clube da humanidade. Mais uma vez, são alijados aqueles que não são vistos como iguais, em camadas concêntricas, partindo desse núcleo do clube seletor da humanidade. Os que possuem mais características semelhantes aos humanos gozam de mais empatia e até podem receber de brinde a possibilidade, concedida pelos membros do clube, de terem alguma agência, como os grandes primatas. Quanto mais distantes da forma humana, mais reduzidos a mero cenário, tal qual um elemento estético, como as plantas, ou a recursos a



ambivalência  
serem explorados, como os animais criados para o abate, ou a meros estorvos, como os insetos. Nesse ponto, vocês, morcegos, são difíceis de classificar: como mamíferos, teriam alguns privilégios, talvez o reconhecimento de algumas interações sociais e alguma capacidade cognitiva. Por outro lado, como voam, dormem dependurados de cabeça para baixo e vivem nas trevas, talvez não fossem bem vindos ao lado dos outros mamíferos.

Aqui, caro Morcego, não posso deixar de te contar que muitos dos povos humanos que não são membros fundadores do clube seletivo dos humanos possuem outra forma de ver e de se relacionar com os outros seres vivos do mundo. E até com os não-vivos! Usam outras categorias que reúnem, muitas vezes, humanos, outros animais, plantas e outros seres. Entre tais povos, vocês gozam de outra reputação. O ser humano, para alguns desses povos, é uma circunstância, mesclada à ideia de ser, junto e ao mesmo tempo, outro animal. Essa mistura abre a possibilidade de relações mais equitativas entre os diversos seres do mundo, as quais poderiam abrir caminho para outro tipo de convivência entre os organismos e, talvez, daí pudesse vir a resposta para o impasse do qual falei na minha carta anterior.

Sim, volto ao impasse, afinal não consigo abandonar a minha perplexidade. Não sei se você, vendo tudo de uma outra perspectiva, compartilha tal sentimento. Estar de frente para o abismo, não ter asas e, ainda assim, flertar

insistentemente com ele... Saber que aqui estamos por causa das relações predatórias que temos com o mundo no qual estamos imersos e nada fazer... Imagino, caro Morcego, seu olhar de lástima quando me vê me debatendo nesse emaranhado de incertezas, sem descanso nem saída.

Aguardo, ansiosa, por uma resposta sua, um sinal de sua presença e de que minha mensagem, por mais confusa que seja, chegou a você. Como você vai percebê-la? Como é perceber tal mensagem sendo um morcego? Isso eu não sei e tampouco desconfio...

Mais uma vez me despeço de você na esperança de que seu viroma, esse conjunto imenso de vírus que você acolhe dentro de si, se mantenha aí, junto a você. Ouso, porém, esperar que sua resposta chegue a mim de alguma forma.

Amistosamente,

N.







Caro Moncego,

Tarda a sua resposta... Não sei como virá, perscruto seus sinais. Tento me colocar de maneira a percebê-los. Temo, porém, não conseguir, e que minhas cartas não sejam percebidas por você como um convite para pensarmos juntos sobre o que acontece neste momento e sim como um conjunto de acusações, transferindo para o outro, como sempre, o que deveria ser de responsabilidade humana. Temo, e talvez esse seja um estado em que seus sinais sejam melhor capturados por esse nós que sou eu.

Temor, também, pelo desafio da turbulência que emerge da tentativa de transbordar dos limites da minha espécie, me desantropomorfizar. Porém, logo penso que nada é tão simples assim, pois, assim como você guarda dentro de si um gigantesco conjunto de vírus e de outros micro-organismos, eu também. Ou seja, também sou um invólucro que acolhe um microbioma. O processo de desantropomorfização a que eu me proponho para receber a sua resposta teria que contemplar um abandono também do microbioma que me constitui. Mas temo – sim, de novo, é um estado permanente – que seja justamente esse conjunto de microsseres que possibilite que eu entenda e perceba a sua resposta. Laurie Anderson disse em uma de suas músicas que “language is a virus”, o que provavel-

mente faz sentido, em um mundo repleto de vírus e repleto de palavras que causam tanto impacto, se não mais, que os próprios vírus. Temo, porém, que o caso aqui seja o inverso, “virus is a language”, talvez a que seja possível para a nossa comunicação.

A metáfora humana de traduzir a informação genética em informação digital, de associar a cada base nitrogenada do DNA uma letra, criou uma linguagem, ou algo parecido com isso, talvez uma sopa de letrinhas para muitos, mas algo que pode ser lido por outros. Linguagem é combinação e recombinação constantes. Essa é mais uma prova de que o vírus é uma linguagem, combina-se e recombina-se nas entranhas de outros organismos, especialmente de seres como você, capazes de hospedar diversas espécies de vírus ao mesmo tempo. O que disse ontem não é mais o que quer dizer amanhã. Talvez não queira dizer nada para uns, mas pode significar vida ou morte para outros. Em suma, uma linguagem que talvez seja uma língua.

Imagino que ainda seja precoce fantasiar que possamos nos entender e mesmo nos comunicar nessa língua. Mas, talvez, seja justamente o impasse onde nos encontramos que nos ofereça a possibilidade de usar essa linguagem para a comunicação. Entender, finalmente, que não existe natureza, que ela é uma construção humana para nos separar dos outros seres e da intrincada teia de relações que



permeia o mundo, e que, para pensar com os outros seres, uma língua comum pode se fazer necessária. Mas o que seria pensar com vocês, pensar com os morcegos?

Faço aqui a distinção entre pensar como e pensar com. Não interessa, a essa altura do campeonato, meu caro corresponsável, tentar fingir que posso pensar como um morcego. Em 1974, um filósofo chamado Thomas Nagel escreveu um artigo que se tornou muito famoso, seu título é *Como é ser um morcego?* Claro que Nagel não consegue dizer como é ser um morcego, mas traz algumas questões interessantes que eu queria dividir com você, aqui, nesta carta. Estou de acordo com ele de que são as nossas próprias experiências que fornecem o material básico para a nossa imaginação, a qual, ao mesmo tempo, é limitada pelo conjunto de nossas experiências. O resultado disso, como pondera o Nagel, é que não ajuda muito tentar imaginar que nos tornamos habilitados a voar a noite toda, abocanhando insetos, percebendo o mundo com o auxílio de reflexos de sinais sonoros e passando o dia dormindo de cabeça para baixo. Isso só nos levaria a imaginar como seria, para nós mesmos, nos comportarmos como um morcego e não como é ser um morcego para um de vocês, isto é, para um morcego. Nas palavras do próprio Nagel: "nós não podemos ir além de uma concepção esquemática de como é ser."

Assim, abandono a pretensão de saber como é ser um morcego e de pensar como um morcego e apelo para o

pensar com. Todavia, antes, deixo aqui pendente uma consideração de natureza híbrida: será que abrigar um bioma de micro-organismos comuns não nos aproxima, não nos mistura de alguma forma, e nos permite pensar, ainda que de forma muito marginal, um como o outro? Será que o próprio coronavírus não é uma mensagem que foi se transformando até chegar à minha espécie? Será que suas variantes, que surgem a cada dia, são como as cartas que eu te escrevo?

Será, talvez, tudo isso delírio, um efeito desastroso de viver sob uma pandemia global? Ou uma abertura para as novas formas de se relacionar com o mundo? Mais uma vez, caro Morcego, imagino suas reações às minhas palavras, será que causo um incômodo ou simplesmente desdém?

Volto, pois, à ideia de pensar com. Não é uma ideia simples tampouco. Por onde começar? Não estamos no ponto zero, muitos já pensaram sobre isso, já apontaram a sociabilidade das outras espécies, suas interações, sua agência. Inspirados, muitas vezes, nas outras formas de ver o mundo dos povos que habitam as bordas do mundo, sugeriram relações mais horizontais com os outros seres com quem dividimos o planeta. Eu, por minha vez, não tenho dúvidas de que esse é o caminho, porém desaba com o peso de uma bigorna a questão de como trilhá-lo. O filósofo Emanuele Coccia diz que "o encontro com o outro é sempre necessariamente união com o mundo em sua diver-



U  
sidade de formas, de estatutos, de substâncias.” Como essa minha espécie, ou parte dela, pode se encontrar com os outros seres, como pode se unir com o mundo nessa diversidade? Talvez reconhecer a mistura que une todos os seres do planeta, cujos mundos se interpenetram todo o tempo, pode ser um primeiro passo. Mais uma vez, aqui, o vírus teria seu papel, representaria a interpenetração de mundos de uma forma palpável, crua e até mesmo violenta.

Posso imaginar, quase sentir, sua revolta. “Violenta?”, talvez você clamasse, apelando à justiça, citando a saga predatória dos humanos e o seu já lendário descaso com o resto do planeta. Ou talvez não, talvez você me brindasse apenas com um olhar de indiferença ou de desdém. Eu sei que pouco sentido faz acusar o coronavírus, em sua penetração no mundo humano, de violento, diante da destruição causada pelos humanos, mas não quero escorregar para o pântano onde vivem aqueles que veem na pandemia uma “vingança” da natureza. Vingança é um conceito humano, não vejo morcegos, elegantemente pendurados de cabeça para baixo, tramando revanches sangrentas. Menos ainda, um vírus envolvido em tais tipos de atividades. Também vale lembrar, meu improvável correspondente, que natureza também é um conceito humano. O que poderia ser a natureza para vocês, morcegos?

A linha do pensar com, a meu ver, só pode avançar se, com ela, pudermos fazer um crochê, entredando os vários

seres do planeta, criando conexões palpáveis. De novo, aqui, não é possível deixar de notar que o vírus tece também ligações entre os seres, contudo ele é apenas uma linha, muitas outras precisam se cruzar nessa trama. Os humanos precisam abandonar a posição de únicos crocheteiros e entender que a malha feita com a linha do pensar com envolve todos, sem hierarquia. Escrevendo essas palavras, posso, caro Morcego, escutar você rir, imagino mesmo você gargalhando, e não apenas motivado por uma absoluta incredulidade, mas também por conta do que você deve presumir ser a minha ingenuidade. Mas é justamente por isso o impasse, justamente por isso a bigorna...

A interpenetração de mundos, principalmente com a habilidade de vocês, morcegos, de viverem nas cidades ou nas áreas naturais, compartilhando muitos espaços conosco, talvez faça de vocês os melhores interlocutores para começar esse crochê. Mas permanece a questão de como dar início a esse processo. Se uma pandemia global dessas proporções não foi gatilho suficiente, o que poderá ser? Como transformar esse pensamento que se instila na cabeça de alguns humanos em algo que modifique nossas relações com o mundo e com os seres que o compartilham conosco?

O escritor angolano José Eduardo Agualusa escreveu uma vez que “as asas acontecem tanto aos anjos, quanto aos demônios, quanto às galinhas. Por precaução, o melhor é tratar a todos como se fossem galinhas.” Eu digo, nesse



momento, que é melhor tratar a todos como morcegos. Para onde isso pode nos conduzir? Não sei, mas talvez nossa correspondência me traga respostas.

Sigo na tentativa do transbordamento da minha condição de humana para que possa, enfim, receber algum sinal seu. Temo, aquele estado permanente ao qual já me referi, não percebê-lo; receio que as limitações que a minha humanidade me impôs, para além das próprias da minha espécie, prevaleçam e eu deixe escapar seus sinais. Faço tentativas de ler a sopa de letrinhas que emerge do RNA das sucessivas variantes do coronavírus. Coloco-me de cabeça para baixo, no esforço vão de mudar de perspectiva. Aguço o ouvido para escutar suas vocalizações. A triste verdade é que não sei sequer como sua resposta pode chegar a mim, mas isso não tem me impedido de aguardá-la.

Despeço-me esperançosa, desejando sempre que todos esses vírus com os quais você compartilha suas entranhas, permaneçam aí, com você. Temo o encontro deles com os meus.

Ansiosamente,

N.



*Os humanos precisam abandonar  
a posição de únicos crocheteiros e  
entender que a malha feita com a  
linha do pensar com envolve  
todos, sem hierarquia.*



10

*Carta*





*Caro Morcego,*

Já vai longe esta nossa correspondência. Vai longe também a pandemia do coronavírus. Curiosamente, vai tão longe que as conexões com suas origens parecem se perder no tempo. O morcego e o suposto intermediário entre nós e nós, o pangolim, voltaram para seu anonimato habitual. Quem quer falar de morcegos se pode falar de vacinas? Quem quer falar de pangolins, se pode falar das cepas variantes do vírus?

Falar de morcegos é falar da destruição dos ambientes, da rápida urbanização – ou melhor, da acelerada favelização – do planeta. Falar de pangolins é falar da extinção de espécies, do tráfico de animais como única alternativa de sobrevivência em um mundo infinitamente cruel. E quem, caro Morcego, quer falar disso? Imagino, como sempre, você, de cabeça para baixo, me olhando com um certo desdém, como se quisesse me perguntar por que insisto em fingir não entender o que já está tão claro.

Será, porém, que finjo não entender ou me recuso? Você poderia alegar que se trata da mesma coisa. A recusa ergue uma barreira, impede o mergulho e evita o afogamento, mas, também, torna impossível a exploração do que anda por baixo da superfície. O que vemos, hoje, como a paisagem humana é, igual a qualquer paisagem,

108

fruto de processos históricos, escolhas que foram feitas no passado e que hoje dão forma ao que se vê. Isso é o humano, amálgama de todos esses caminhos trilhados, calçadas das coisas mais incríveis e das mais atrozes. Fico me perguntando se esses lados vêm sempre juntos, se não seria possível manifestar o lado que faz coisas incríveis, sem o seu reverso, aquele das coisas atrozes. Como se cada coisa positiva tivesse obrigatoriamente um preço e, sem ele, nada se daria. Será isso uma condenação? Uma dança? Beco sem saída?

Essa mistura igualmente me faz pensar no nosso encontro, o encontro da contramão. Se os encontros entre morcegos e humanos não deveriam acontecer – ou, pelo menos, não com a frequência que se dão por conta da destruição de ambientes e da crise climática –, a nossa correspondência parece ser o reverso do encontro indesejável. Contudo, outra vez, o veneno da dúvida contamina meus pensamentos e volto a vacilar: será que seus sinais eram reais? Será que eram seus mesmo? Será que isso realmente importa?

Uma correspondência deve fazer um caminho entre um remetente e um destinatário obrigatoriamente? Mesmo que essa correspondência almeje atravessar outros limites? Se algum sucesso é obtido, alguma travessia acontece, alguma possibilidade se abre, algum limite é cruzado, a conexão passa a existir. Se a remetente se transforma, se desantropomorfiza, se passa a ser outra querendo acertar o

109



lugar ou reconhecendo o equívoco de ser naquele lugar, não transitou já? Não transbordou? Ter um destinatário real ou imaginário faz diferença afinal?

Abandono essas angústias por um momento e volto a pensar no longo processo, ainda em curso, da pandemia. Ainda reluto em deixar de lado a ideia de que talvez seja o vírus a linguagem da nossa comunicação. Que sabemos, nós humanos, das formas possíveis de interações que passam por sentidos que nem sequer desconfiarmos que outros seres possuam ou dos sinais que entidades biológicas, químicas ou físicas carregam mundo afora, no sopro do vento? Porém, do alto da arrogância dessa minha espécie, acreditamos que se não vemos, se não ouvimos e se não podemos tocar, não existe. Mas e o vírus? Sim, podemos ver nos equipamentos que a tecnologia criou para estender nossos sentidos, contudo ela só entende o que já sabemos existir. Assim, o vírus causa a doença, a pandemia, mas nada mais deduzimos disso, nem outros sinais talvez difíceis de capturar, nem os mais óbvios, como perceber a pandemia como uma consequência das formas com que lidamos com os seres com quem compartilhamos o planeta.

Por isso, talvez, o foco agora seja exclusivamente o vírus, suas variantes e as vacinas. Morcegos e pangolins ficaram para trás, perdidos em um passado brumoso onde havia interesse em desvendar as origens dessa pandemia. As

brumas que envolvem esse tempo têm relação também com a necessidade que parecemos ter de nos divorciarmos dessa nossa natureza animal e subcrevermos, o mais rápido possível, nossa nova versão de natureza, a tecnosfera. Imagino, meu improvável correspondente, que, daqui para frente, todo e qualquer investimento em controlar pandemias estará focado na produção de vacinas e tratamentos. Ninguém se voltará para as origens das pandemias, ninguém visitará os territórios da vulnerabilidade humana, ninguém pensará que tudo deve ser repensado. Vamos acelerar, ainda mais, na ânsia de deixar para trás toda e qualquer conexão com nossas raízes biológicas.

Volto a pensar, caro Morcego, na dificuldade que muitos humanos têm de perceber outras formas de estar no mundo, e aqui não me refiro ao jeito de viver dos morcegos e de outros animais, mas sim à pluralidade de formas de viver que existem – até quando? – entre os humanos mesmo. Estamos tão imersos nas nossas formas particulares de estar no mundo que é sobremaneira difícil imaginar, até as últimas consequências, como vivem os outros. Essa ideia pode naturalmente ser aplicada aos povos indígenas dos diversos continentes da Terra: é difícil entender as conexões que esses povos possuem com os outros seres e com territórios e paisagens. Mas, talvez, seja ainda mais adequada quando relacionada aos donos do mundo e aos que vivem segundo uma lógica ainda mais



incompreensível para a maioria das pessoas dos que os modos de vida dos povos originários. Uma lógica onde não há lugar para nenhuma empatia e nenhuma solidariedade, onde o que vale é apenas o lucro e o poder. Imagino que grande parte dos humanos tem dificuldade em entender como essas pessoas vivem assim, sem remorsos, sem arrependimentos, sabendo que causam o sofrimento e a morte de inúmeras outras. Talvez seja de tão difícil entendimento que a maioria de nós sequer acredita que tais pessoas existam, e nada é mais conveniente para manter esse mundo girando do que isso.

Deixo de lado, porém, os devaneios e as tentativas, vãs evidentemente, de dar algum sentido a este mundo, e volto a pensar na nossa correspondência. Se o vírus pode ser uma linguagem de comunicação, minhas letras nessas cartas também podem sê-lo. Se a comunicação do vírus é incompreensível para uns tantos seres, talvez minhas letras também o sejam, mas isso, quiçá, crie um terreno de encontro no desencontro. O sopro do vento que lança partículas virais pelo mundo afora lança também cartas, letras, invenções e desejos. Algumas chegam a seus destinatários originais, outras atingem outros destinatários e outras, ainda, ficam pairando pelo mundo à espera de alguém para recebê-las. Talvez esse seja o destino das minhas cartas, talvez esse seja o destino dos múltiplos sinais, emitidos constantemente pelos organismos com

quem dividimos o planeta, ainda que de má vontade, na maior parte dos casos.

Vale dizer ainda, meu inverossímil correspondente, que, girando mais uma vez aquele caleidoscópio que me foi tão útil na tentativa de compreender tantos seus sinais como meus processos de desantropomorfização, percebo que os pequenos movimentos que mudam as paisagens caleidoscópicas talvez sejam possíveis. Se essas cartas se revelam, de fato, como um esforço de pensar com os outros seres do planeta, morcegos, pangolins, plantas, líquens e vírus, talvez sejam parte de um pequeno movimento, cujas consequências são desconhecidas, mas, como no caleidoscópio, pode justapor peças improváveis, misturar cores e formar uma nova paisagem.

Permaneço nessa corda bamba, sou, talvez, nesse lugar equivocado, ou sou equivocadamente nesse lugar, ou, ainda, nem seja, apenas esteja. Terá sido essa correspondência um sonho de uma pandemia de verão (ou de vários verões)? Terá você, meu volátil correspondente, recebido meus sinais, me acompanhado nessa jornada? Imagino seu já proverbial olhar de desdém ou, quem sabe, de pena diante da minha também já proverbial ingenuidade...

Despeço-me, meu caro, sem saber o que desejar, sem saber tampouco o que esperar. Sinais, vírus, cartas, versos? Mas, espera, recebo aqui uma nova resposta sua... Pensei,



inclusive, em respondê-la aqui mesmo, mas, infelizmente,  
já fechei o envelope...

Transbordantemente,

N.

"Estamos tão imersos nas  
nossas formas particulares  
de estar no mundo que é  
sobremancira difícil  
imaginar, até as últimas  
consequências, como  
vivem os outros."

